

REVISTA LUSITANA

VOL. XXV

1923 a 1925

N.º 1-4

HISTORIA DA LINGUA PORTUGUESA

ORIGEM E VIDA EXTERNA

SUMÁRIO:

Palavras prévias.

- I. Civilização da Península Iberica em geral, e da Lusitania em particular.
- II. Romanização. — Implantação do latim na Península Iberica: testemunho epigrafico; um texto de Estrabão. — Cultura literaria da Lusitania. — Latim literario, e latim popular em geral. — Latim popular da Iberia, e da Lusitania em especial.



INICIADA a conquista da Península Iberica pelos Romanos no seculo III a. C., e dominada esta pelos mesmos até o seculo V p. C., implantaram nela o latim, que depois se transformou em varios idiomas, entre os quais um, que de modo geral e teorico chamaremos *gallaico-portuguese*, e se fala ao Sul e ao Norte do rio Minho: ou *português*, como fórma principal, na margem esquerda, e *galego*, na margem direita.

Eis aqui um postulado que se torna necessario admitir desde já. Assim pensaram os nossos antigos filologos. Falando da gramatica latina, diz Barros: *cujos filhos nós somos* (1); e referindo-se aos Galegos, diz Duarte Nunes: *cuja lingua e a nossa era toda quasi hã* (2). E tem sido essa, com excepção dos celtómanos dos seculos XVIII-XIX, e de um ou outro individuo insulado, a opinião dominante entre nós até hoje, não só em gramaticos ou filologos, mas em historiadores, etc. A demonstração cabal, porém, de que o português (com o

galego) é mera evolução ou continuação do latim (vida interna da nossa língua) poderá sòmente dar-se comparando-se entre si as duas gramaticas. Por agora vamos considerar as circumstancias historicas que explicam a produção d'esse fenomeno glotologico, e estudar a vida externa da lingua portuguesa: constituição do seu lexico, uso que se tem feito d'ela no trato quotidiano e como orgão de litteratura, suas relações com a civilização e com o ambiente social, sua expansão no mundo. Ao galego far-se-hão aqui e além algumas referencias, pois a vida externa e interna d'este dialecto ou co-dialecto tem de estudar-se separadamente.

O que aconteceu no Occidente da Iberia, aconteceu semelhantemente em grande parte do resto da Romania (*), onde o latim se transformou nestas linguas: hespanhol, francès, provençal, sardo, italiano, reto-românico, dalmatico (hoje extinto) e rumeno (**). Ao conjunto das linguas providas do latim dá-se o nome de *romança*, *romance*, ou *românico*. Tais linguas chamam-se genericamente *romanicas*, *romances*, *novi* ou *neolatinas*; as expressões mais usadas são a primeira e a última (***). Idioma românico da Península Iberica é também o catalão, que está muito aparentado com o provençal. Deixo de lado varios falares de restrita importancia.

Voltando ao nosso caso, convém, antes de tudo, dizer alguma cousa da civilização que os Romanos encontraram na Iberia quando cá chegaram, e principalmente da que se lhes deparou na Lusitania, — região em que está incluído quasi todo o territorio que ao presente se denomina PORTUGAL (****). Depois se falará da romanização.

I

A Península Iberica ou Hispanica (**) é habitada desde os mais remotos tempos prehistoricos (periodo da pedra lascada ou periodo paleolítico), embora dos primitivos habitantes não sabemos o nome (ou nomes), e só os conheçamos pelos restos da sua civilização, conservados *in loco*, e em museus. Descabido seria aqui discutir o problema das origens das populações da Península; basta observar que esta, por causa da vizinhança do mar, das suas grandes riquezas naturais, e do seu clima benigno, atraiu em todos os tempos povos de diversas procedencias, que vieram ou como colonizadores, ou como conquistadores (***). Na aurora dos tempos historicos os

habitantes da Península aparecem-nos mencionados nos autores clássicos como *Iberos* ou *Hispanos* (vid. nota 7). O seu território invadiram-no na antiguidade, em diversas épocas, Fenícios, Lígures, Gregos, Celtas, Africanos, e por fim Romanos.

Quem diz *Iberos*, diz *Lusitanos*, e quem diz *Península Iberica*, diz *Lusitania*. Quando os Romanos entraram na Iberia (sec. III a. C.), havia no território lusitanico muitas tribus, conhecidas da literatura greco-romana e das inscrições latinas por nomes tais como: *Cunei*, no Algarve; *Turdetani*, no Algarve e Alentejo (este povo dilatava-se pela Andaluzia); *Celtici* entre Guadiana e Tejo; *Turduli veteres*, entre Tejo e Douro; *Transcudani* e *Igaeditani*, na mesma região, para o Nascente; *Paesuri* ou *Paesures*, *Aravi* e *Colarni*, ao Sul do Douro; *Callaeci* e outros *Celtici*, do Douro para o extremo Norte da Galiza. Entre os últimos distinguem-se os *Grovii*. Na região bracarense demoravam os *Bracari*; por Trás-os-Montes os *Zoelae*. Ao Norte do Minho, fóra pois do território português, viviam os *Coelerni*, os *Cileni*, os *Tamarci*, os *Neri*, os *Arrotrebae*. Havia ainda outras tribus cuja menção por brevidade se omite; além d'isso nem de todas as que deviam existir chegou notícia até nós.

O que sabemos da civilização da Lusitania é-nos revelado por autores antigos e pela Arqueologia. Ela não era uniforme: umas tribus parecem-nos mais civilizadas do que outras. As das regiões montanhosas, que são sobretudo o Minho, Trás-os-Montes e a Beira, habitavam em montes murahados, onde as casas, agrupadas em bairros, eram por vezes redondas, como na Galia, no Norte de Africa, e noutras regiões antigas, e com as ombreiras graciosamente esculturadas; mas as coberturas eram de colmo ou de pedra. Um monte d'esta especie chamou-se na lingua dos Celtas da Lusitania *briga*, como se deduz de textos de Plínio e Ptolemeu. Com este vocabulo concorria, com analogia significação, **du-non*, latinizado em *donum*. Algumas gentes do extremo Norte (*Callaeci*, etc.) tinham costumes muito primitivos: dormiam no chão duro, fabricavam pão de landes torradas, e comiam em loiça de pau.

Com esta barbarie contrasta a relativa civilização do Sul (Turdetanos), em que se fazia uso de escrita, como consta de Estrabão, e de espécimes lapidarios conservados no Museu Etnologico, e noutros. De enfeite do corpo serviam, tanto no

Norte, como no Centro e no Sul, braceletes e diademas de ouro, e fibulas de bronze e de prata, e bem assim colares de contas de vidro lisas ou oculadas. Os guerreiros, no Norte, traziam escudo redondo, e espada curta ou punhal. Na mesa dos ricos, á hora das refeições, ou nas cerimónias cultuais não faltava vasilhame de argila artistico, pintado ou gravado, e tambem de prata.

Na religião mais antiga descobrem-se elementos de character naturalistico, o que igualmente acontece noutras partes da Iberia: veneração de ágoas, montes, etc., em que se reconhecem espiritos que depois se elevaram á categoria de deuses e deusas locais (rudimentares), com os nomes de *Mirobiens*, *Nabia*, *Endovellicus*, *Ataegina*...

Praticava-se muito a agricultura: enquanto os homens andavam na guerra, á caça, ou á pesca, as mulheres trabalhavam pacificamente o campo, que produzia cevada, trigo, vinho. A par com a agricultura exerciam os Lusitanos o pastoreio, e tanto, que um dos seus herois mais notaveis foi Viriato, pastor ou senhor de gados, e em actos de culto religioso sacrificavam um bode a um deus marcial.

Da lingua ou linguas dos Lusitanos nos dá amostras (além do que fica mencionado), a Epigrafia, em nomes de pessoas, como: *Amminus*, *Arquius*, *Camala*, *Coronerus*, *Lovesus*, *Medamus*, *Tongius*, e a Geografia, em nomes de povoações e rios, como: *Abellerium*, *Aeminium*, *Balsa*, *Bracara*, *Caladunum*, *Cales*, *Contimbriga*, *Collipo*, *Equábona*, *Longóbriga*, *Miróbriga*, *Munda*, *Myrtillis*, *Ossónoba*, *Talábriga*, *Vácua*. O vocabulario usual continha, em comum com o resto da Iberia, por exemplo (de várias origens): *arrúgia*, *baca*, *barca*, *cantus*, ou *canthus*, *córrugus*, *cuniculus*, *lancea*, *láusia*, *páramus*, *sarna*. Os nomes proprios indigenas apresentam ás vezes em inscrições mais de uma fórma como: a) *Endovellicus*, já citado, que tem as variantes *Endovellicus*, *Endovollicus*, *Endovolicus*, *Enobolicus*, *Indovellicus*; b) *Lovesus*, a par de *Lobessa* e de *Lobesa*.

Pelo que toca á organização social, já vimos que os Lusitanos estavam distribuidos em tribus. Cada uma tinha verosimilmente seu régulo, e todas eram muito valentes e aguerridas (*).

Referindo-se quer á Lusitania, quer á restante Peninsula, onde havia tribus semelhantes ás d'ali, diz Herculano em seu estilo magestoso: «Ajudada pela superioridade da sciencia militar, a superioridade da civilização romana devia ter

acção immensa nessas sociedades imperfeitissimas dos indigenas, aos quais faltava o vinculo da unidade nacional, e que, misturados com as raças phenicia, grega e carthaginense, tinham tomado costumes, *vocabulos* e ideias de cada um d'estes povos, sem que esses elementos adventicios tivessem tempo sufficiente para se incorporarem no elemento celtico e formar com elle um todo compacto e homogeneo capaz de resistir á influencia civilisadora de Roma» (10). Consoante mostra a Archeologia, as sociedades ibericas, apesar de imperfeitas, não o seriam tanto como Herculano supõe; o que havia, sim (por natureza), era falta de unidade, e isso já Estrabão o notara (11).

II

Se os Romanos chegaram á Iberia, como se disse acima, no sec. III a. C., isto é, em 218, o seu contacto com os Lusitanos, segundo as memorias escritas, data só de 193. A conquista da Lusitania começou do Sul para o Norte. A luta entre os dois povos foi tenaz, e a resistencia dos Lusitanos heroica. Varios periodos podem estabelecer-se na historia da conquista.

Em 189 a. C. os Cuneos estavam já submetidos aos Romanos. De 147 a 139, traça Viriato com a folha da sua espada uma das páginas mais brilhantes dos annais da antiguidade: a valentia que mostrou em resistir aos Romanos só pôde ser vencida por traição. D'ele canta o nosso Poeta:

.. de homem forte os feitos teve,
Cuja fama ninguem virá que dome,
Pois a grande de Roma não se atreve (12).

Decimo Junio Bruto avassalou os «castros» ou *brigas* do Minho e da Galiza, de 138 a 84 a. C. Os Lusitanos, vendo-se successivamente dominados pelos Romanos, voltaram-se para Sertorio, na esperanza de obterem alguma libertação: a guerra sertoriana contra Roma durou de 89 a 72. Sertorio prestou serviços á civilização peninsular; todavia eles manifestaram-se apenas na parte hespanhola da Iberia, pois o que se conta da acção de Sertorio em Evora não passa de pura fábula. Do ano de 61 ao de 25, Cesar e Augusto terminaram a conquista: Augusto estabeleceu na Peninsula uma colonia para recom-

pensa dos reformados ou *emeriti*, pelo que esta se chamou *Emerita Augusta*, a que hoje corresponde Mérida, na Hespanha.

Com a conquista romana afluíram á Iberia, e entende-se, á Lusitania, novas gentes, não só de Italia, senão das mais desvairadas terras: Germanos, Bizantinos, Capadocios (segundo uma emenda epigráfica de Hübner). Nessa epoca apparecem-nos testemunhados na Península, pela primeira vez, os Judeus, que, como é sabido, tanta influencia exerceram na constituição ethnica e na historia social e economica de Portuguezes e Hespanhoes.

Os Romanos, ao mesmo tempo que conquistavam, iam administrando o territorio, implantando nele a sua civilização, para o que fizeram da Península várias divisões, a mais importante das quais se effectuou nos primeiros tempos do imperio, em tres provincias: Tarraconense, Betica, e Lusitania, a primeira e a última administradas pelo imperador, a Betica pelo senado. Cada provincia subdividia-se em circumscrições chamadas *conventus*. Á Lusitania correspondiam tres emeritense com séde em Emerita (Mérida); pacense, com séde em Pax Julia (Beja); escalabitano, com séde em Scalabis ou Scallabis (Santarem). Na Tarraconense contavam-se sete, um d'elles, o bracaraugustano, com séde em Bracara Augusta (Braga). Na Betica havia quatro: ao hispalense pertencia a nossa região de além Guadiana.

As povoações importantes (municípios, colonias) tinham administração propria: *ordo decurionum*, *aediles*, *praetores*. Havia na Lusitania povoações de origem indigena; as já em parte citadas acima, *Myrtilis*, etc., que realmente conhecemos por documentos da epoca romana; havia outras, que, pelo menos quanto aos nomes, datavam d'esta epoca, por exemplo: *Aquae Flaviae*, *Pax* ou *Pax Julia*, *Salacia*; ou que, embora provindas de tempos pre-romanos, tiveram então certo brilho, pois receberam epitetos honoríficos latinos, por exemplo: *Ebora Liberalitas Julia*, *Olisipo Felicitas Augusta*. Várias povoações cunharam moeda sua, como as já mencionadas *Ebora*, *Myrtilis*, *Pax Julia*, *Salacia*. Além d'isso todo o territorio se cobriu de quintas ou *villae*, mais ou menos ricas, e atravessavam-no muitas estradas militares ou *viae*, cuidadosamente construidas. Tanto das *viae* como das povoações (*oppida*, *urbes*, *vici*), e das *villae* restam ainda muitos vestigios.

Sob o dominio do povo-rei certas industrias que data-

vam de épocas antigas floresceram muito, como a das minas, a olaria, a ferraria, e indústrias domésticas. As casas, que eram d'antes colmadas ou lousadas, cobriam-se agora de telhas (*tegulae, imbrices*), e pavimentavam-se de mosaicos, como em Tralhariz, Braga, Condeixa, Leiria, Santa Victoria do Ameixial, Faro, de alguns dos quais se guardam belas amostras no Museu Etnológico. Activava-se o comércio de exportação, e importação: exportavam-se, por exemplo, frutas e minérios, importava-se cerâmica e objectos de vidro e de bronze. A lingua latina, como vimos das palavras citadas ha pouco, derramava-se por toda a parte. Leis especiais, escritas nela, regulamentavam certas empresas, como a *lex metalli Vipascensis* (Aljustrel). Davam-se espectáculos publicos, testemunhados por um teatro em Lisboa e um *circus* em Tavira.

A religião indigena sobrepôs-se a romana: ao lado de divindades de aspecto barbaro principia a adorar-se longa lista de divindades romanas, de um canto ao outro da Lusitania, como: *Aesculapius, Juppiter, Mercurius, Minerva, Serapis, Venus*, que por fim suplantam as outras, e ficam, por assim dizer, senhoras do campo. No entanto o coração nunca se aquieta, nem o dos homens, nem o dos povos. Crenças que ha pouco eram vencedoras, são para logo abaladas e vencidas: com o paganismo, após quatro ou cinco seculos de existencia, concorre na Hispania romana o cristianismo, do qual ha provas na Lusitania desde o sec. II (13).

Insistamos agora no elemento civilizador que para o nosso intuito mais significa: a propagação da lingua dos Romanos na Península. Que a propagação foi muito lata o mostra imediatamente o grande número de inscrições latinas d'esse tempo, encontradas a esmo por quasi toda a Iberia, e gravadas em pedra, metal, barro cozido, etc. As inscrições hispano-lusitanas conhecidas dos archeologos andam por 7.000 ou 7.000 e tantas (14). As de Portugal não são menos de 1.100; e só o Museu Etnológico, que existe apenas desde os fins de 1893, possui para cima de 280 (15). E ha-de entender-se que muitissimas se perderam, e que outras estão ainda por descobrir. Nas inscrições, que, segundo se vê dos nomes das pessoas que ali figuram, se referem a Romanos (de modo geral), e a indigenas ou Ibero-Romanos, revela-se tudo o que constituia o viver, ainda o mais íntimo, das populações peninsulares: trato familiar e trato social (*pater, mater, filius, filia, avus, avia, avunculus, consobrinus, socer, cognatus, cognata,*

contactia, servus, serva, vernaculus, vernacla, domestici, libertus, sodalis, hospes, heres); declaração de sentimentos de affecto recíproco, e de ventura (*amo te, num anel; salve tu, num vaso de argila; annum novum faustum felicem mihi hunc!* numa candeia — entende-se que foi mandada fazer para ser estriada no dia 1.º do ano, acaso num santuario); legados ou deixas (*ex testamento*); trajos e enfeites do corpo (*annulus aureus gemma meliore, de uma inscrição religiosa; tunica, indusium*); a casa (*domus*), com seus utensílios (*mensa, scamnum*) e seu vasilhame (*amphora, phiola argentea, patera*), ás vezes aberta para um jardim (*hortus*); os animais domésticos (*.. qui mulos mulas asinos asinas caballos equas sub praecone vendiderit, numa tabula aenea da mina de Aljustrel; scrofa cum porcis triginta*); o celeiro (*horreum e horrens; cfr. tabernas et posthorreum*); a cidade, com seus *aedificia*, guardada de *muri*, e adornada de *arcus*; a praça (*forum*), onde se erguem *statuae* de pessoas bemquistas da localidade (*ob merita in coloniam*), ou de deuses (*signum aeneum Martis in foro positum*), e por onde o *patronus* passeia acompanhado de *clientes* submissos; aqueductos (*aquam ducere*), canais (*fistulae*), e pontes; o mercado (*macellum*), rico de comestíveis, que o escravo vai comprar para a sua senhora (*domina*); indústrias de toda a especie, como o mostram estes nomes de mestrais: *serrarius, caelator, marmorarius, fullo; margaritarius, architectus; auriga; navicularius, piscator; musicarius; aquilæus* ou *vèdor*; profissões liberais (*grammaticus, medicus*); banhos (*balinea, thermae*), muito frequentados e concorridos, com salas de distração e santuarios; festas e espectáculos (*ludi; circus; theatrum; proscaenium et orchestra cum ornamentis; certamen barcarum*); banquetes públicos (*epulum populo datum*), e generosidades de gente rica (*sportulae civibus datae*); instituições militares (*exercitus, legio, cohors, ala, eques, signifer, imaginifer, tribunus militum*); todas as relações municipais e sociais: tribus, cargos públicos, governo de consules, memorias de imperadores (*Publius Cornelius Macro a divo Claudio civitate donatus, quaestor, duumvir; Quintus Antonius Galeria Celer; imperatori Caesari Lucio Domitio Aureliano respublica Ossonobensis dedit dedicavit*); respeito das divindades (*dii, deae*), testemunhado em supplicas e em efusivos agradecimentos (*vota animo libenter posita*); temor da morte, e saudade deixada pelos que se foram do mundo (*sit tibi terra levis; coniugi rarissimae et sanctissimae; servo benemerenti; mater*

infelicissima; filius suavissimus suis), ideias que são sempre tão tristes, que ás vezes se attribue ao morto uma frase, como esta, dirigida ao viandante que lhe passa perto do sepulcro, e arrancada do peito com a dor de quem já não vive, e gostaria ainda de viver: *ave et vale!* (18)

A expressão, em lingua latina, de tantas particularidades da vida doméstica e da vida colectiva bem deixa ver, como disse, que essa lingua se tornára geral. Com effeito a necessidade de os naturais se entenderem com os conquistadores, imposta pelas multiplas relações usuais; o periodico ir e vir de commerciantes, que traziam productos agrarios e industriais da Italia, e levavam outros da Iberia; o funcionamento de escolas, como a de que se dá conta numa inscrição vipascense (sec. II); casamentos; fundação de colonias (*Emerita, Pax Julia, Scallabis*); o desejo, freqüente nos Barbaros (19), de se aproximarem da classe de cidadãos romanos (quando as povoações recebiam distincções honorificas, — vid. supra, — como não as ambicionariam simples individuos?); o constante esforço da Igreja para alcançar prosélitos, a quem prégava, e ensinava a rezar em latim: tudo isso fazia que a lingua falada em Roma, no Lacio, na Italia, se espalhasse o mais possível em terras ibericas. Existe a este respeito um precioso texto de Estrubão, pelo qual sabemos que os Turdetanos, principalmente os da margem do rio Betis, hoje Guadalquivir, já no tempo em que escreveu o geografo, sec. I da era cristã, estavam de tal modo identificados na civilização romana, que até haviam esquecido a sua linguagem, substituída, entende-se, pela latina (20). Com excepção das provincias Vascongadas, cujo idioma, o biscainho (vasconço, vasco, ou basco) proveniente, como se crê, de eras remotissimas, dura ainda agora (21), podemos supor que a mesma substituição se iniciaria cedo na restante Peninsula, ainda que não levada a cabo de uma vez, pois até o primeiro quartel, ou primeira metade, do sec. II, aparecem vagas noticias de outros falares nacionais (22). Para a pronta romanização dos Turdetanos contribuiu sem dúbida o estado de civilização em que eles viviam, e a que ha pouco se aludiu. Quando um povo pretende conquistar outro, a civilização d'este influe muitas vezes no modo da conquista, ora facilitando-a, como aqui, ora retardando-a ou repelindo-a (23).

Visto que a Lusitania é a região que sobretudo nos importa, — *abiere tandem in Romanorum mores Lusitani, et civi-*

litem linguamque Latinam, sicut et Turdetani, accepere (27), — vai aqui transcrever-se na íntegra uma inscrição latina de Portugal (*carmen epigraphico*), que, apesar de breve, serve de complemento ao que fica exposto, e de exemplificação mais concreta de como ao afastado Ocidente da Europa chegou um eco de cultura literaria. Esta inscrição, que está em uma lapide encontrada em Idanha-a-Velha, ora existente no Museu Etnologico Português, constitue o epitapho de um *Igaeditanus*, e diz:

Pubescens ego nec veritus miserabile funus

ANCEITVS CELTI:

Fata tui brevia: heic situs: heic cineres este quietei! (28)

Dos progressos da instrução geral promovidos pelo derramamento do latim resultou que a Iberia honrasse a literatura romana com muitos nomes illustres; entre nós mesmos, segundo todas as probabilidades, nasceu ou viveu um na Lusitania, de nome *Cornelius Bocchus*, que se occupou de historia natural: não obstante haverem-se perdido os seus escritos, conserva-se menção d'elles, ou trechos, em obras de autores antigos, Plinio, por exemplo (29).

Em todas as nações, porém, onde se cultivam as letras, usa sempre o povo, e com elle, em certas circumstancias, as classes cultas, ou um idioma patrio, que nada tem com o official, ou uma fórma especial d'este, ou emfim um dialecto. Assim, ao lado do alemão, lingua official do antigo imperio da Austris, falam os Boemios o txeque (cheque); ao lado do atico, ou grego propriamente dito, falavam outr'ora os Helenos, entre varios dialectos, o colico, em que poetou Safo; ao lado do inglês dos *lords* usam os *Cockneys* expressões que são tidas por menos apuradas. Em Roma tambem no convívio familiar das pessoas cultas entre si ou com o povo urbano e suburbano, e na linguagem d'este, havia vocabulos, expressões, fórmulas verbais, maneiras de pronunciar, que nem sempre eram exactamente o latim dos escritores, mas que em parte continuavam, com especiaes modificações, o latim arcaico, do tempo em que não havia ainda literatura, pois só o aparecimento ou desenvolvimento d'esta fez que o primitivo falar do Lacio se scindisse successivamente em lingua literaria (ou escrita) e lingua popular (30), isto é, se definissem

duas formas de uma mesma lingua (e não duas linguas diversas, ou opostas uma á outra), formas que, como era natural, estiveram sempre mais ou menos em contacto entre si, exercendo acção reciproca. A forma popular, que era a unica realmente viva, chamaram os proprios Romanos: *sermo cottidianus, pedestris, plebeius, proletarius, rusticus, vulgaris* (26). Os filologos modernos costumam dizer «latim vulgar» ou «latim popular», e eles se têm empenhado em descortinar nas escasas fontes, em que esse latim se revela, quais os seus caracteres, e qual a influencia que recebeu das varias linguas e civilizações com que na vasta extensão do *orbis Romanus* esteve em relação, desde o começo da conquista (27). O latim vulgar da Iberia, tal como o conhecemos pelas inscrições que nos ficaram do passado, nas quais os canteiros ou os gravadores deixaram marcados, ao lavrá-las, apreciaveis descuidos de linguagem, ou transcreveram vocabulos de cunho local, foi estudado sapientemente por A. Carnoy em *Le latin d'Espagne* (28), onde se ocupa sobretudo da fonologia, morfologia e vocabulario. Para este estudo serviu-se do vol. II do *Corpus inscriptionum Latinarum* de E. Hübner, e seu Suplemento e Aditamentos (29), e bem assim de artigos publicados em jornais de Hespanha, Portugal e França (30). No Suplemento do *Corpus* o epigrafista alemão indicára os principais fenomenos gramaticais; Carnoy ampliou e metodizou. A sintaxe serviu de objecto a outro bom trabalho: *Notes on the syntax of the Latin inscriptions found in Spain* por H. Martin (31), o qual depois escreveu um artigo, II — *Spanish inscriptions (Additional Comment)*, em que estudou alguns fenomenos de morfologia e de semantica (32). Tanto este autor como Carnoy mencionam abusivamente nos titulos apenas a Hespanha, mas tambem falam de Portugal.

Não encontram os filologos no latim peninsular particularidades grandes que lhe dêem lugar muito visivel no conjunto do *sermo cottidianus* da Romania: raramente ai surge um fenomeno a que não se descubram paralelos noutras regiões (os proprios Carnoy e Martin, tiveram o cuidado de os indicar): o que pode observar-se é a maior frequência de um ou outro fenomeno, ou uma exemplificação mais especial. Mas, em suma, para se avaliarem algumas das feições da lingua que falaram os nossos antepassados da epoca romana, lingua que, em evolução ininterrupta, veio a ramificar-se, transformando-se, de um lado, em hespanhol, e do outro, em

português, convém que, conforme fizeram os AA. citados, se registre tudo. Pena foi que tão pouca cousa nos legasse a antiguidade! Faltam-nos textos lusitanicos ou hispanicos escritos completamente, ou quasi completamente, em vulgar, como os que Stolz incluiu na sua Historia da lingua latina (Göschel), p. 116-125. Os reflexos da lingua plebeia aparecem avulsos, como nesta inscrição de Viana do Alentejo: *D(iis) M(anibus) s(acrum). Maria Euprepia, quai Fate concesserunt vivere anis 45 (hic sita est). Benemerenti Modestus coniugi sue posuit*. Nela se nota *quai* por *cui*, *Fate* = *Fatae*, plural de *Fata* (divindade), *sue* = *suae*, *concesserunt vivere* em vez de oração infinitiva ou conjuncional, construções mais usuais (23). Os pedreiros ou insultores, quando lavravam uma inscrição, não pertendiam escrever latim rustico, pertendiam escrever latim literario, segundo os modelos que os verdadeiros autores das inscrições lhes davam, ou segundo formularios que havia (24): os vulgarismos gramaticais do seu falar natural escapavam-lhes por falta de atenção ou por ignorancia; só os vocabulos dialectais ou de acepção dialectal eram introduzidos de proposito. Às vezes os vulgarismos provinham dos redactores dos textos. Por estas razões, e tambem porque já não existem todos os letreiros que na epoca romana se fizeram, e os que existem estão cheios de fórmulas estereotipadas, ou pelo geral são pouco extensos, não conhecemos inteiramente o latim vulgar. O que digo, se se applica em particular á Hispania, ou á Lusitania, de que estou falando, applica-se de modo semelhante ás outras provincias romanas onde o latim foi lingua viva.

Sem ter de estudar aqui desenvolvidamente o latim vulgar que se falou na Hispania, vou contudo dar sumária idela d'ele, exemplificando meia duzia de fenomenos respeitantes á Lusitania portuguesa (quem desejar desenvolvimentos leia os precitados trabalhos de Carnoy e Martin). — Os numeros que indico adiante das palavras latinas são os dos §§ do vol. II do *Corpus*.

Começarei pela fonetica:

O adjectivo *Ulissiponensis* 124 denota que a cidade que é hoje capital de Portugal, e aparece na maioria dos textos antigos mencionada com o nome de *Olisipo*, se chamou algum tempo *Ulisipo*: cf. *Religiões da Lusitania*, II, 30.

Em *munimentum* 149 e 266, duas vezes (por *monumentum* ou *monimentum*), que aparece tambem fóra da Iberia,

teremos influencia de *munimentum*, como quer Carnoy, p. 55. D'este plebeismo dá Georges, *Lex. der lateinischen Wortformen*, exemplos em inscrições de Napoles.

Em *dómenus* 5552, por *dominus*, e em *scaurea* 5181 = *scoria*, o *i* postonico atenua-se em *e*; em *Indovellecus* (nome de um deus) 6269, por *Endovelicus*, nota-se o mesmo fenomeno, e juntamente mudança de *en-* atono em *in-*. Observa-se sincopa de *u* em *vernaclus* 369, e *vernaclam*, nas *Religiões*, II, 132; cf. a forma classica *vernaculus*. São fenomenos muito gerais.

De duas vogais seguidas, em *cortis Lusitanorum* 5238 a par de *chortis* 403, 432, por *cohortis*, suprimiu-se a atona (Georges cita exemplos de *cors* e *chors* na propria literatura).

Em *Antistia* = *Avstoria* numa inscrição de Lisboa do sec. I, que creio inédita, teremos um protótipo de *Umlaut* (que depois veremos na Gramatica).

Ditongos: *e* por *ae* em *Gallecus* e *Galleci* 2551 e 2555 (cf. *aeius* 205 = *cius*), e por *oe* em *amena* 5570; *o* por *au* em *Clodius* 50, 51, e *O Arch. Port.*, v, 175 (mas *Clodius* é tambem forma classica), e em *Oriclo* n-*O Arch. Port.*, VII, 246; ás avessas *scauria* e *scaurea* 5181 = *scoria*.

O desaparecimento do *h* em *cors* por *chors* ou *cohors*, já citados, deu-se igualmente em *Elvina* 136, *Elvia* 136, *osp[es]* 18: acerca d'este fenomeno fonetico vid. *Revista Lusitana*, I, 73, ou os meus *Opusculos*, I, 200-201.

A forma *Primitius* (em *L. Terentius Primitius*) 319 mostra quéda de *u* na terminação *-iuus*; quéda analogá se observa em *perpetum* 194 (*in perpetum*), e em *iuat* 5186 por *iuat*; cf. *iuentuli* 45. Aqui *u* representa *uu*. D'estes fenomenos fonetico-ortograficos tratou Niedermann, *Phonétique hist. du latin*, Paris (Klincksisck), 1906, p. 86-87.

Em *qua* = *quam* 5185, *statua* = *statuam* 5175, *mense* = *mensem* (vid. *O Arch. Port.*, VII, 246), caiu o *m* final, fenomeno muito vulgar na epigrafla; em *faciendu* = *faciendum* 214, póde o *m* não ter sido gravado por falta de espaço, visto que a palavra está em fim de linha.

Fenomeno notavel, que tem já sido discutido por varios filologos, é o que se observa em *imudavit* 462, numa inscrição achada ao pé de Emerita, referida á deusa *Ataegina*, que tambem teve culto em terras hoje portuguezas (*Religiões da Lusitania*, II, 146-161). Se *imudavit* está por *immulavit*, temos

aqui simplificação de *m* duplo, e abrandamento de *t* intervocalico. Meyer-Lübke in *Zs. f. rom. Philol.*, XXXV, 244, pensa que em vez de *inudavit* seria *immundavit*, mas o sentido não é de mancha, é de roubo; Jud in *Romania*, XLV, 551-552, acha insolita, já no sec. II, a transformação de *t* em *d*, e sem recusar de todo como base o verbo *mutare*, pergunta se no espirito do autor da inscrição não haveria confusão entre *mutare* e *nudare*, pelo que o gravador poria *inudare* em vez de *innudare*, o que tudo é bastante complicado. A nenhum dos que se têm ocupado da inscrição ocorreu que *Ataegina*, nome da deusa, que, por causa da explicação etimologica (*Religiões*, II, 161), parece primitivo, se encontra algumas vezes com a forma *Adaegina*, onde está paralelamente *d* por *t*.

Exemplos como *adque* 2205 (Galiza) e 2314 (*ibidem*) = *atque*, *aliut* 5181 = *aliud*, *aput* 292 = *apud*, *quot* 144 = *quod* mostram que *t* final soava *d*; não sendo assim, não poderia ter-se confundido *t* com *d*, e *d* com *t*. É também corrente este fenómeno.

NS > s: em adjectivos geograficos, como *Colliponesis* 339, 353 = *Colliponensis*, *Eboresis* 339, *Laguniesis* (vid. *Religiões*, II, 195), e cf. *Olissiponensis* 214, com *s* representado por *as*; noutras palavras, como: *libes* 363 = *libens*, *mesfes* 5150 = *mensis* ou *mensibus*, *impesam* 34 = *impensam*, *mesuram* 5181 (linha 47 da p. 789: Aljustrel) = *mensuram*. Tão antiga era já em Roma a redução de NS a *s*, que a palavra *consul* se abrevia ordinariamente nas inscrições em COS, isto é, *cosul*.

NN > n: ano 20, *Hereniana* 5149 (Galiza).

Varios fenomenos: *quatri(du)um* 21 = *quadriduum*, por influencia de *quatuor* ou *quattuor*; *milis* (vid. *Religiões*, II, 229).

Minucias ortograficas: *c* por *g* em *Valabricsensis* 5561, o que é frequente; *ss* por *s* em *possit* 2601 (Galiza, cf. *Religiões*, III, 205), por *posil* <> *posuit*; *pleps* 34, 53 (grafia muito usada na epigrafia geral), *opsequentissimus* 391; *scribtum*, por *scriptum*, na 2.^a tabula de Aljustrel; *concenturs* = *conventus* (*Religiões*, III, 342; e cf. Martin, p. 401); *uxxor* e *vixsit* n-O *Arch. Port.*, VIII, 164 e 171, as quais nada têm especial. Formas arcaicas, ou com ortografia arcaica: *clavom* 5181, *Flavos* 2502, *Calcos* n-O *Arch. Port.*, XVIII, 1. Aqui pertence *conos* (Varrão), que deu *côco* em português: cf. Mohl, *Chronologie*, p. 24.

Morfologia:

Confusão de declinações: *dibus* M(anibus) na *Revista Archeolog.*, II, 172, e *dibus Successis* nas *Religiões*, III, 311-312, por *diis*, o que não é raro na epigrafia geral: cf. Georges, *Wortform.*, p. 210. Em *ex responsu* 6265, e *ex votu* 5136, houve permuta com a 4.ª declinação (cf. Carnoy, p. 220), ou mais provavelmente quédá de *m* em *ex responsum*, e *ex votum*, com falso emprêgo da preposição de ablativo com acusativo (vid. infra).

Mudança de genero: *hic monumentus* 256 = hoc monumentum.

Nos pronomes temos: *mi* (por *mih*) 59, correntissimo nos poetas latinos; *ipse* (pronome enfatico) 159 por *is*, em *ex testamento ipsius* (cf. Mohl, *Chronologie*, p. 27, e Carnoy, p. 247); *quaei* 89 = *cui* (vid. supra, e cf. Carnoy, p. 245).

Nos verbos, além de *curarunt* 5214, *renovarunt* 2420, com *-arunt*, usual em latim literario, dá-nos a epigrafia *possit*, já citado acima. No texto do juramento dos habitantes de *Artilium Velus*, do ano 57 da nossa era (*Corpus*, II, 172), lê-se o verbo *faxint*, onde Carnoy, p. 251, vê uma prova de arcaísmo do latim iberico; mas, como ensina Madvig, *Gram. Lat.*, § 115 (trad. port. do S.^{or} Epiphânio Dias, p. 105), «na lingua classica manteve-se de *facio* . . o futuro conjuntivo *faxim* nas phrases optativas, como presente do conjuntivo: *faxis, faxit, faximus, faxitis, faxint*». E optativo é de facto o juramento.

Formação de palavras:

Em *versuculus* 391, o sufixo *-culus*, como já diz Carnoy, p. 69, soldou-se directamente a *versus*, por este ter o tema em *-u*. Palavras que, quanto sei, só apareceram ainda na Lusitania são *laciculus* (de *lacus*), e *aedeolum* «ediculo» (de *aedes*): cfr. *Lições de Philologia*, p. 14, nota 1. Não proprio da Lusitania, mas aí bastante usado, é o sufixo gentillico *-icus*, por exemplo, em *Albius Albicus* 99 (cf. Cagnat, *Cours d'Épigraphie lat.*, 3.ª ed., p. 151, e Carnoy, p. 234). Em *coing[i]* 110 observa-se redução do prefixo *con-* (*cum*) a *co-*, o que aconteceu noutras provincias romanas (vid. Georges, *Wortformen*, s. v.), e cf. em latim classico *coicio* = *conicio*. Mostram recomposição *contato* 34, 53, = *collato*, *contactia* (vid. *O Arch. Port.*, I, 253) = *collactea*. Em *maesolium* 214, *misolium* 5144, por *mausoleum*, não podemos ter *i* por *e*, como quer Carnoy,

p. 58, porque o *e* de *mausoleum* é longo, mas teremos talvez troca de terminação: *-oleum* por *-olium*, o que julgo confirmado por *mesolum* ou *maesolum*, citado por Georges, *Wortformen*. Tanto a palavra *mausoleum* soava estranha ao ouvido dos povos latinos, que uma glossa (em Georges) apresenta *musoleum*, com o princípio da palavra modificado, segundo parece, por influencia de *Musa*.

Segue-se falar de Sintaxe, mas pouco pôde respigar-se.

Em *cum Pacatinum* 405, *pro salutem* 177 e 5207 tanto pôde ver-se emprêgo de preposições de ablativo com accusativo, como com ablativo, visto que para o ouvido era indifferente escrever *Pacatinum* ou *Pacatino*, *salute* ou *salutem*. Exemplos da mesma especie são: *cum quam* n.º *Arch. Port.*, VII, 246 e *ara posuit* nas *Religiões*, II, 342. Cf. o que acima se disse do *m* final.

Em *Conimbrica natus* 391 está o ablativo (por locativo), segundo o que acontece com os nomes de cidades da 3.ª declinação, e ás vezes da 2.ª (cfr. Krüger, *Gram. der lat. Sprache*, Hanover, 1842 p. 519, e Draeger, *Hist. Syntax*, Leipzig, 1878, p. 519, que mencionam *Lavinio*, *Arimino*, etc.). Accusativo do plural por nominativo, fenomeno que no romance ibérico depois se tornou normal, temo-lo, se não houve erro do lapicida, em *flias* 38, numa inscrição em que tambem se lê *marita = uxor*. De *concedere vivere* falou-se supra.

Lexico:

O lexico do latim lusitano, ou melhor, do latim hispanico, era constituído de duas classes de palavras, conforme a proveniencia: palavras de origem pre-romana, isto é, pertencentes ás linguas locais, e adoptadas pelos Romanos; e palavras latinas, ou criadas consoante as normas da gramatica latina. O lexico dos Romanos era, por sua vez, formado de palavras de vária origem: latinas propriamente ditas, gregas, etc.), mas d'isso não me pertence aqui falar.

Palavras pre-romanas da lingua comum e do onomastico, vimos algumas supra, p. 8, quando me ocupei da civilização dos indigenas. Tanto ellas entraram no vocabulario dos Romanos da Iberia, que só as conhecemos por intermedio de textos epigraphicos, ou de citações feitas por autores latinos.

Palavras da segunda classe, isto é, palavras latinas, ou

formadas segundo normas latinas, vimos já também algumas no decurso do estudo que estou fazendo do *sermo vulgaris*.

Outras são, por exemplo:

centuria, se O em certos textos epigráficos oculta sentido geográfico-etnico (cf.: *Religiões* III, 412, nota 1; Hübner, *Corpus*, II, 1064; e Martin in *American Journ. of Philology*, XXXV, 410, artigo já acima mencionado);

mysticus (em lingua religiosa: *Religiões*, III, 332);

oppidum por *oppidum*, numa carme epigráfico (fragmento) do aro de *Pax Julia*, gravado numa pedra que hoje está no Museu Etnológico (Georges, *Wortformen*, cita outros exemplos colhidos no *Corpus*, I);

quadrata, de sentido especial (*Religiões*, III, 469-472);

solutorius, epíteto de *Juppiter* (*ibidem*, p. 226; aparece noutras inscrições da Península).

E as seguintes, de carácter técnico, que se lêem nas duas tabulas de Aljustrel, a primeira publicada no *Corpus*, II, 5181, a segunda estudada por R. Cagnat e Cuq⁽²⁵⁾: *occupator*, *ostilis*, *perculae*, *pillaciaria* (*pilluciaría*), *recisamen*, *rutramen*, *scavarius*, *ternacus* & *ternagus*, algumas d'elas discutidas por Carnoy, p. 257-259. Na tabula 1.ª de Aljustrel lê-se também: *caballus* — equus; *calfacere* (forma sincopada de *calesfacere*), vulgar na epigrafia geral; *lausias*, adjectivo (de *lausa*) em concordância com *lapides* (como feminino).

Aos poucos vocabulos, de cunho mais ou menos popular e local que fíam transcritos, adicionarei, por estarem documentadas, duas series de outros, colhidos em inscrições da Lusitania portuguesa, os quais, não obstante pertecerem ao latim literario, pertenciam juntamente ao vulgar, o que bem se vê. São vocabulos comuns e nomes proprios. Todos, como em ocasião oportuna se dirá, hão de passar á lingua moderna, ou com a mesma significação que tinham, ou com mudança de significação, ou de categoria gramatical.

Serie 1.ª, vocabulos comuns:

a) substantivos: *ager*, *aqua*, *causa*, *civitas*, *decretum*, *denarius*, *forma*, *hora*, *inimicus*, *lux*, *maritus*, *mors*, *mula*, *mulus*, *nox*, *ordo*, *pars*, *passus*, *puleus*, *salus*, *sanguis*, *sedes*, *sol*, *somnus*, *taberna*, *vena*, *vicus*.

b) adjectivos, participios e numerais: *beatissimus* (isto é, *beatus*), *bonus*, *factus*, *malus*, *magnus*, *natus*, *primus*, *Romanus*, *sanctus*, *secundus*, *unus*.

c) pronomes: *ego*, *meus*, *sua*, *qui* (*quae*), propriamente *quid* & *quem*.

d) verbos: *cadere*, *curare*, *dedit*, *est* (*sunt*, *fuertint*), *fecit* & *faciat*, *lavare*, *praestare*, *ponit*, *vivere*.

e) particulas: *ad*, *contra*, *cum*, *de*, *et*, *ex*, *hic*, *in*, *per*, *pro*, *si*, *sub*.

Serie 2.^a, nomes proprios:

a) de pessoas: *Albinus*, *Amanda* (isto é, *amare*), *Amaranthus*, *Amoena*, *Calcinus*, *Claudius* & *Clodius*, *Festa*, *Flaccinus*, *Flavius*, *Flavinus* ou *Flavinus*, *Januarius*, *Junius*, *Laetus*, *Lares*, *Laurus*, *Lupus*, *Marinus*, *Martialis*, *Maurinus*, *Palernus*, *Primus* & *Prima*, *Priscus*, *Quintus* & *Quinta*, *Rectus*, *Saturninus*, *Severus*, *Sextus*, *Temporanus*, *Tertius*, *Valerius* & *Valeria*, *Valerianus*.

b) de divindades: *Diana*, *Fatae* (isto é, *Fata*), *Fontanus* & *Fontana*, *Tulela*.

No que fica coligido até aqui descobre-se pouco, como já disse, que seja propriamente lusitano: quasi nada! apenas um ou outro vocabulo (*aedeolum*), um ou outro testemunho local de fenomenos muito espalhados (*Endovellecus*, com e postonico por *i*)!

Contudo entendi que devia juntar o que juntei, pois de alguns d'esses e congéneres protótipos da nossa fala partirei quando estudar a gramatica historica. É claro que, como eles não bastam, hei-de recorrer muitas vezes para tal estudo, não só ao latim do resto da Peninsula, senão tambem ao do resto da Romania. Mencionarei, sempre que possa, o latim vulgar: d'ele, como organismo vivo, e não do latim literario, mais ou menos estereotipado, foi que se desenvolveram fundamentalmente as linguas romanicas, embora nem todo o *sermo rusticus* se conservasse, isto é, se transformasse em romance. Grande parte deixou de existir ainda na epoca romana. Por

outro lado, como não existem documentos ou textos onde o latim, que oralmente se conservou, apareça por inteiro, precisamos, para o conhecer, de comparar aquelas línguas entre si, ou com o próprio latim literário: da comparação deduzem-se leis que permitem restaurar de modo teórico certos vocabulismos ou formas.

NOTAS

(¹) *Grammatica da lingua portug.*, ed. de 1785 (de que sempre me servirei) p. 73. — A 1.^a é de 1540.

(²) *Origem da lingua portug.*, Lisboa 1606 (1.^a ed.), fls. 132.

(³) Da palavra *Romania*, no sentido de *imperium Romanum, orbis Romanus*, «monde romain», «civilisation romaine», tratou G. Paris: vid. *Mélanges linguistiques*, Paris, 1905, p. 18 ss. E cf. também: Crescini, *Romania* (opusculo), 1908, e Savj-Lopez, *Le origini neolatine*, Milão (Hoepli) 1920 p. 3 ss.

(⁴) Vid. Meyer-Lübke, *Einführung in das Studium der romanischen Sprachwissenschaft*, 3.^a ed., 1920, p. 17.

(⁵) Do adverbio *romanice* em *romanice loqui* «falar latim», «falar românico», vieram os substantivos: *romance* em português e hespanhol, *romanz* em francês antigo, *romans* em provençal. Cf. *latim*, substantivo tirado de *latine*, por exemplo, também em *latine loqui*. De *romance* no sentido de «língua românica» temos exemplos em vários textos: «como... Senhor seja romance de *Dominus*», isto é, tradução românica de *Dominus*, em Fr. A. Brandão, *Monarchia Lusit.* (sec. XVII), pt. III, liv. XI cap. 19.^o p. 321. Ao S.^o Pedro de Azevedo devo a seguinte nota, também respeitante ao sec. XVII: «Meu Padre Mestre, *nunquid Saul inter Prophetas?* Poderão dizer os Padres da Escolla nesta ocasião por mim; mas David dá a descarga, com apontar a causa, dizendo: dize-me com quem trata, dir-te hey as manhas que tens; que isto vem a ser em bom romance, o seu *cum sancto sanctus eris*». Carta que escreveu o D.^o Fr. Luis de Sá ao Padre Antonio Vieira: *Cartas d'este*, III, 173. Nas *Prelecções Philosophicas* de S. P. Ferreira,

t. 1, part. 1.^a, p. 147, fala-se também de *romance* e *lingua romance*. Para *romance*, como substantivo, no sentido de língua provinda do latim, criaram-se dois verbos, *romanzar* e *romancear*; de *romanzar* tirou-se *romanzo*, de que se fala no texto (cf. D. Carolina Michaëlis, *Estudos sobre o romanceiro*, Madrid, 1907-1908, p. 222, e nota 4); de *romancear* tirou-se *romancio*, que se lê, por exemplo, num texto medieval publicado por G. Pereira nos *Archivos de hist. da medic. port.*, VI, 169: o qual livro («hum livro de naturas») foi tirado de latim em *romancio*. Encontrei também *per romancium et latinum* na capa de um codice alcobacense da Biblioteca Nacional. No Algarve (Sotavento) diz-se ainda hoje *româncio* no sentido de romance tradicional em verso (vid. *Rev. Lusit.*, IV, 327; a p. 336 imprimiu-se por erro, *romancio* em vez de *româncio*). De *româncio* veio na mesma acepção *romãico*, que se usa em Barlavento. O verbo *romancear* lê-se, por exemplo, na *Monarchia Lusitana*, de A. Brandão (já cit.), part. III, liv. X, cap. 19.^o, p. 220: «dom se deriva da palavra latina *dominus*, a qual romanceando-a nós, mal convertemos na de *senhor*, sendo assim que esta palavra *senhor* é vocabulo também latino, corrupto, que val tanto como *senior*, que quer dizer o mais velho». O verbo *romanzar* não o posso agora documentar em português, mas ha em hespanhol *rromançar* (antigo) e *romanzar* (moderno), a par de *romancear*. Acêrca de *romanzo*, e de *romance* (como substantivo e como adjectivo), ha outras noticias nas minhas *Lições de Philologia*, p. 14, e nota 2, e nos citados *Estudos* da Sr.^a D. Carolina Michaëlis, *ibidem*.

(⁶) A *Lusitania pre-romana*, segundo Estrabão, confinava, ao Sul, com o Tejo, e ao Ocidente e Norte com o Oceano. Ao Nascente, em território hoje hespanhol, eram indocisos os limites. A *Lusitania romana* ia do Douro ao mar do Algarve, e estendia-se para o Oriente, na Hespanha, um tanto além da actual fronteira portuguesa. Com excepção dos territorios situados na margem esquerda do Guadiana, a que correspondem os actuais concelhos de Mourão, Moura, Barrancos, Serpa, e parto do de Mertola, territorios que na epoca romana pertenciam á Bética, pôde pois aceitar-se, como já disse, que a nação chamada hoje Portugal ficava inclusa na Lusitania, englobando-se nesta designação tanto a Lusitania pre-romana, como a romana.

Quadro da Lusitânia:

A. *Lusitânia pre-romana*:

1. Lusitânia do Sul { Cyneticum (Algarve);
mesopotâmia de Entre-Tejo-e-Guadiana.

(Foi depois incluída na Lusitânia Romana: vid. infra).

2. Lusitânia estraboniana ou primitiva (do Tejo para o Norte):

- a) de entre Tejo e Douro, onde estão os Lusitanos de Ptolemeu;
b) *Callaecia*, do Douro para o Norte.

B. *Lusitânia romana*: do mar do Algarve ao Douro, com inclusão do que costumamos chamar *Lusitânia hespanhola*. (O Norte de Portugal pertence à Tarraconense; a nossa região de Alem-Guadiana pertence à Bética).

Acêrca de tudo isto vid. *Religiões da Lusitânia*, tomo I, p. XXI-XXIII; t. II, p. 7 ss.; t. III, p. 631.

Falando da Península Ibérica, considerada em geral, é grande abuso, ou grande erro, cometido por muitos autores, dizer *España*, *Espagne* etc., pois *Hespanha* significa apenas «reino de Hespanha».

(¹) Os mais antigos escritores gregos diziam *Iberia*, os mais antigos latinos *Hispania*. Cfr.: Hübner, *Monum. linguae Ibericae*, p. 232; e Schulten, *Hispania* (com um apêndice de Bosch Gimpera), Barcelona 1920, p. 7-8.

(²) Vid.: Bosch Gimpera, *Etnologia prehist. de la Peninsula Ibérica*, Santander, 1922; e Mendes Corrêa, *Os povos primitivos da Lusitânia*, Porto, 1924.

(³) Tratei da etnografia dos Lusitanos nas *Religiões*, II, 49-95, e para lá remeto o leitor. Acêrca dos idiomas indígenas vid. em especial Hübner, *Monum. linguae Ibericae*, Berlim, 1893.

(⁴) *Hist. de Portugal*, t. I (5.^a ed.), p. 21.

(¹¹) *Geografia*, III, IV, 5.

(¹²) *Os Lusíadas*, III, 22.

(¹³) Acêrca de quanto atêqui tenho dito da conquista e romanização da Lusitânia, vid. *Religiões*, III, 99-192 e 536-539, onde se citam as principais fontes. — A menção de Capadócios baseia-se num texto do *Corpus inscr. Lat.*, II, 224, embora a p. 1141 a palavra *Cappad[ox]* esteja precedida de um asterisco dubitativo (porquê?).

(¹⁴) Vid. o *Corpus*, II, e o seu Suplemento e Aditamentos. Já depois de publicados estes trabalhos se têm encontrado outras muitas inscrições, tanto em Portugal, como na Hespanha. — A respeito dos trabalhos de Hübner vid. *O Arch. Port.*, VI, 51-52.

(¹⁵) É este o numero que mencionei em 1915 na *Hist. do Museu Etnologico*, p. 196; d'então para cá tem entrado outras.

(¹⁶) Para a organização d'esta lista de palavras e frases servi-me principalmente das inscrições contidas no *Corpus* e seu *Supplementum*.

(¹⁷) *Barbaros* neste caso quer dizer: povos não pertencentes á civilização grega ou latina. É a significação que os Romanos deram á palavra.

(¹⁸) Estrabão, *Geografia*, III, cap. II, § 15.

(¹⁹) O vasconço fala-se tambem do lado francês dos Pireneus, em parte do departamento chamado *Basses-Pyrénées*: vid. J. Vinson, *Les Basques et le Pays basque*, Paris, 1882, p. 11.

(²⁰) *Religiões*, II, 90.

(²¹) Á propagação do latim na Península Iberica se refere Herculano, *Hist. de Portugal*, t. 1 (5.ª ed.), p. 26-27 e 32-36; F. A. Coelho, *A lingua portuguesa* (2.ª ed.), p. 110-113; M. Pidal, *Gramat. hist. españ.*, 4.ª ed., Madrid, 1918, p. 11 ss.; Diego, *Gramat. hist. castell.*, Burgos, 1914, p. 13-15; J. J. Nu-

nes, *Gramat. hist. portug.*, Lisboa, 1919, p. 1 ss.; e o autor da presente Historia na *Lições de Philologia* (vid. p. 483).

(¹⁸) A. de Rêsende, *De antiquitatibus Lusitaniae*, liv. III (sirvo-me aqui da ed. de Colonia, 1600, p. 168).

(¹⁹) Foi adquirida para o Museu Etnologico Português pelo seu ex-Conservador D.^o Felix Alves Pereira, e interpreta-se e publica-se aqui a primeira vez. — Os versos formam dois hexâmetros, estando simetricamente o nome do morto entre eles. Traduzo-os assim: «Eu Angeito, filho de Celto (ou de Celtio — Celcio), ainda na mocidade, quando não receava pois a morte lamentavel, tive sorte pouco duradoura, porque já estou aqui sepultado. Cinzas minhas, repousai em paz!». — Observações ao texto:

Anceitus: cf. *Annia Angeiti (filia)* em Cáparra: *Corpus*, II, 833. Falaram-me de outra inscrição romana da Beira-Baixa onde tambem se lê *Angeitus*, isto é: SILO ANGEITL.

Celli tanto pôde ser genetivo de *Cellus*, como de *Celtius*, pois ambas estas palavras se encontram na Península: vid. *Monum. linguae Iberic.*, p. 264.

Quanto ás palavras da lingua comum:

quietei = *quieti*: representação do antigo nominativo plural latino em *-ei*: cf. *virei*, *servei* em Sommer, *Hdb. der lateinischen Laut- u. Formenlehre*, Heidebergue, 1902, p. 378.

heic = *hic*. Arcaismo, que aparece em inscrições do *Corpus*. E vid. tambem Georges, *Lexik. der lat. Wortformen*, s. v. «*hic*».

tulei = *tuli*. Mera representação analogica de *i* por *ei*, sem justificação historica.

Todos estes arcaismos ou pseudo-arcaismos davam á poesia tom solene, d'acôrdo com a gravidade do assunto.

(²⁰) Vid. *O Archeol. Port.*, I, 69-76, e V, 49.

(²¹) Stoltz, *Gesch. der lateinischen Sprache*, Leipzig (Göschel), 1910, p. 78.

(¹⁶) Vid. Schuchardt, *Vokalismus*, I, 102-103, onde junta outras expressões analogas.

(¹⁷) Acêrca do latim vulgar existem e conheço muitos trabalhos, por exemplo, de Schuchardt, Gröber, Mohl, Meyer-Lübke, Grandgent, etc., alguns dos quais irei citando nesta Historia; outros mencionei-os nas *Lições de Philologia* no cap. intitulado «Origem e evolução da ling. port.»

(¹⁸) Fiz algumas observações a esta obra nas *Lições de Philologia*, p. 14, nota 1.

(¹⁹) Vid. a nota 14.

(²⁰) Por exemplo, no *Bolet. de la Acad. de la Hist.*, no *Archeologo Portug.*, no *Bulletin Hispanique*.

(²¹) *Baltimore*, 1909, opusc. de 5 páginas.

(²²) Em *The American Journal of Philology*, vol. XXXV (1914), p. 400-420.

(²³) Vid.: *Relig. da Lusitania*, III, 312-313; Carnoy, ob. cit., p. 227; Martin, in *Journal* já cit. na nota 32.

(²⁴) Cf. Cagnat, *Épigr. lat.*, 3.^a ed., p. 257, nota 3.

(²⁵) Cagnat, in *Journal des savants*, 1906, p. 441-443, e depois in *Revue des publications épigraph.*, mesma data, p. 12-14 (separata da *Rev. Archeolog.*, Junho-Dez. de 1906); e Cuq in *Mélanges Gérardin*, 1907 (esplendido estudo juridico). Vid. tambem Cantarelli in *Bulletino dell'Istituto di Diritto Romano*, ano XVIII, fase. III-VI.

Lisboa, 17 de Janeiro de 1923.

(Continúa).

J. LEITE DE VASCONCELLOS.